

CAPÍTULO 1

O LÍDER E SEU RELACIONAMENTO COM DEUS

Lisânias Moura

Ser líder no contexto de uma igreja local ou mesmo numa organização evangélica é um desafio dos mais estressantes¹ bem como dos mais maravilhosos que podemos vivenciar. O que torna este desafio maravilhoso é que liderar uma igreja ou uma organização evangélica ou mesmo um ministério dentro de uma igreja, é que lidamos com vidas e não com produtos. O que fazemos não permanece na Terra se o fizermos como Deus espera que façamos. Neste papel de líderes nos tornaremos vulneráveis ou altivos, servos ou autoritários. Revelaremos se em nosso coração existe retidão ou segundas intenções em nossa função. Como John Ortberg diz, *todos nós, líderes, pastores, organizações, temos uma missão secreta ou agenda secreta.*² E esta agenda secreta pode nos impedir de realizar a agenda de Deus. Como, então, podemos ter um relacionamento com Deus que nos preserve no caminho dele?

1 Segundo pesquisa do escritor Jefferson Alvarenga, publicada em 20 de dezembro de 2020, 49% dos pastores entrevistados declararam já ter passado por alto nível de estresse. (www.jeffersonalvarenga.com/pastores-em-perigo) Ver também www.gospeprime.com.br/maioria-dos-pastores-algum-nivel-de-estresse-por-causa-da-pandemia/14/03/2021

2 Ortberg, John, *Overcoming Your Shadow Mission*. Grand Rapids: Zondervan, 2008, pg. 9

1. Líderes espirituais focam no que são a partir da graça e não a partir do título

Quando alguém é convidado para representar o Brasil numa determinada comissão da ONU, é uma tremenda honra. Talvez a pessoa fique emocionada, se sinta honrada ou até mesmo poderia pensar com seus botões, “valeu todo o sacrifício, cheguei onde gostaria de ter chegado”. Não existe nada errado neste pensamento, especialmente se a pessoa se qualificou para aquela função.

Por outro lado, imagine você diante de dois chamados. Ser um alto comissário da ONU ou liderar ou cuidar do Corpo do Filho de Deus? O chamado para a ONU é um chamado baseado em performance, o chamado de Deus é um chamado baseado em graça. Quem lhe chamou para servir na ONU foi um semelhante a você. Quem lhe chamou para servi-lo foi o criador do universo, o Senhor dos senhores, o próprio Deus. O que lhe garante no cargo da ONU é o desempenho, o que lhe garante no chamado de Deus é a graça oferecida por quem lhe chamou. Qual a identidade que tem mais valor?

Por isso, o apóstolo Paulo nos diz,

Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e sua graça para comigo não foi inútil; antes, trabalhei mais do que todos eles; contudo, não eu, mas a graça de Deus comigo. (1 Coríntios 15.10).

Paulo não despreza suas responsabilidades ou atividades, mas deixa bem claro que sua identidade não estava baseada no que ele fez, mas na graça de Deus derramada sobre ele. Ele era o que era, baseado no que ele era em Jesus e não no apostolado ou por ser um plantador de igrejas.

Nosso relacionamento com Deus, sejamos pastores ou líderes de ministério, é construído a partir desta verdade. É pela graça que fomos chamados e é por ela que realizamos o que realizamos e é pela graça que estamos em pé.

Mas, a partir da graça, ter em mente outras verdades é fundamental. Foi pela graça que fomos salvos e por causa da graça é que temos o Espírito Santo em nós. Isso compõe nossa identidade. Antes de sermos

líderes, nós somos filhos de Deus. Nosso nome do cartão de visitas da igreja como líder ou diretor de uma certa área um dia desaparecerá. O dia chegará quando seremos menos procurados, seja para pregar, liderar, ensinar ou aconselhar. E, então, o que seremos?

Seremos para sempre filhos de Deus. Os títulos e os prefixos passam, mas o que fica é nossa relação com Deus. Pode ser que nossa relação com Deus por causa do nosso título ou função demande de nós mais dependência ou mais fé. Isto não está necessariamente errado, mas muito disto acontece por causa do nosso título ou responsabilidade. Por outro lado, o que mais deve causar em nós uma busca por Deus é desfrutar da graça, não para termos frutos na missão, especialmente quando somos tentados pela “missão secreta”. Por causa da graça somos amados por Deus e não por causa da nossa performance. Desta forma, como líderes nosso anseio por Deus é por causa de Deus e não primariamente por causa da nossa responsabilidade. Por causa disto, buscar aprofundar nosso relacionamento com Deus, de forma pura, ocupa lugar primordial em nosso papel de liderança. O que somos em Cristo é muito mais que um título ou uma função.

No início do meu ministério como pastor sênior, deu-se uma luta pessoal. Por que orar mais? Por que ler mais a Bíblia? Eu queria ser um sucesso, ser visto como um pastor de ponta. Posso dizer que apanhei e sofri até o dia que, em minha mente admiti que minha busca por Deus estava sendo muito mais para ter uma melhor performance em vez de buscá-lo porque ele me amava e eu queria amá-lo mais. Buscar a Deus porque o amamos nos liberta do egocentrismo no ministério e nos encaminha para a trilha de sermos o que Deus quer que sejamos como fruto da graça e não fruto da nossa própria força. Além disto, nos direciona para uma semelhança com Jesus.

2. No relacionamento sadio com Deus aprendemos a sermos servos que lideram.

Na busca pelo relacionamento profundo com Deus, o líder experimenta resultados que não usufruiria fora deste relacionamento. Talvez o comportamento do líder que aprofunda seu relacionamento com Deus não difira muito daquele líder que é apenas religioso e tem sua identidade no título que carrega e não naquilo que ele é em Jesus. Ambos os tipos de líderes podem pregar, dirigir uma igreja ou uma organização, uma ONG evangélica, etc. Mas, dentro deles algo diferente acontece.

A diferença está no propósito que cada líder tem. Na medida que um líder se dedica a um relacionamento com Deus de forma intencional, uma mudança começa a ser experimentada ou vivenciada. O líder começa a descobrir não somente que sua identidade não está no título ou função, mas também descobre que servir é a razão de sua existência e que seu prazer vem de Deus e não do seu título. Observemos estes textos...

*Portanto, que todos nos considerem como **servos** de Cristo e encarregados dos mistérios de Deus. (1 Coríntios 4.1 – NVI)*

Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus (Romanos 1.1 – NVI)

Note que Paulo nestes dois versículos começa se intitulando de servo. Ele era um apóstolo, chamado pelo próprio Deus antes da fundação do mundo, mas lá no íntimo, marcado pela presença de Deus, ele se via como servo. No texto de Romanos Paulo se identifica como servo. A palavra grega que ele usa é a palavra *doulos*, que era o mais baixo nível de escravo ou servo. Era o escravo ou servo que não tinha vontade própria, não tinha como desligar-se dos seus senhores, não recebia salário, era uma situação para a vida inteira. Ele poderia ter colocado a palavra apóstolo na frente da palavra escravo justamente para afirmar seu título ou responsabilidade. No entanto, fruto do seu relacionamento com Deus o que ele era se tornava mais importante do que o que ele fazia.

Quando lemos o texto de 1 Coríntios 4.1 a palavra que Paulo usa para apresentar-se é *hyperetes*. Um pouco diferente do significado da palavra

doulos, hyperetes aponta para aquele que está sob ordens de um grupo para servir a este grupo ou ajudá-lo a conquistar certos alvos³. O pedido dele no texto de 1 Coríntios 4.1 é um pedido que os outros o considerem desta forma, um servo que está ali para servi-los. Como no texto de Romanos, Paulo poderia ter se apresentado como um apóstolo colocado ali para servir àquela igreja. Não! Ele primeiro enxerga-se como um servo, um servo obediente a Deus e que vive para servir. Paulo poderia ter sido um apóstolo sem ser servo, mas não teria causado o impacto que causou. O ser precedia o fazer. Ele poderia ser um apóstolo sem a atitude de servo.

Se o importante para o apóstolo Paulo era para o que ele vivia, isto nos remete a vê-lo imitando Jesus. Jesus é Deus, foi assim que ele afirmou a seu próprio respeito conforme João 17, por exemplo, que Ele e o Pai eram um. Também, Deus, por ocasião do batismo de Jesus, deixa claro o quanto o amava. Se alguém numa rua de Jerusalém perguntasse para Jesus, “quem é você?”, com certeza ele responderia, “Sou Deus, filho de Deus, amado por meu Pai e vim à Terra para servir e dar minha vida em resgate de muitos” (Marcos 3.17; 10.45).

Como líderes precisamos estar seguros não somente da nossa identidade, mas também do nosso propósito de vida. Sem esta segurança nos tornamos mais vulneráveis às artimanhas da nossa carne e do diabo. E é no relacionamento com Deus que ganhamos esta segurança.

Jesus foi tentado a renunciar ao processo de realizar seu propósito de vida quando Satanás lhe ofereceu todos os reinos deste mundo caso ele o adorasse. Adorar a Satanás seria fugir da cruz. Seria ter o que Deus prometera para Jesus sem que ele cumprisse o propósito de Deus, mas não seguiria o processo de Deus, que era a cruz. Se Jesus foi tentado, quanto mais nós também o seremos! Somos tentados, como líderes, a olharmos mais para nossas agendas pessoais do que para a agenda de Deus. É muito fácil buscarmos construir nossa imagem de sucesso, de pastores de sucesso, do que nos entregarmos à busca de cumprir o propósito de Deus. E daí nos desgastamos em criar programas e eventos a fim provermos

3 Rengstorf, K. H. ὑπηρέτης, ὑπηρέτω. In G. Kittel, G. W. Bromiley, & G. Friedrich (Orgs.), *Theological Dictionary of the New Testament* (Edição eletrônica, Logos., Vol. 8, p. 540). Eerdmans.

crescimento para a igreja ou organização de uma forma independente de Deus ou violando os seus princípios. E isto nos leva a um cansaço para o qual Deus não nos chamou. Servir traz desgaste, mas quando servimos a Deus e não aos nossos próprios propósitos o cansaço é trocado por renovação, embora que o cansaço exista.

É essa atitude que o Espírito de Deus usa para nos transformar. Em vez de sermos apegados ao título de líderes, seremos movidos para sermos servos que lideram.

3. Líderes se relacionam com Deus para glorificá-lo

Viver como um servo é fruto de um relacionamento sadio com Deus, um relacionamento baseado no amor e na graça de Deus e não num relacionamento utilitarista com o nosso Pai. Fruto disto, nossa vida passa ser focada em glorificar Deus. Mas, como buscar este relacionamento que glorifica Deus?

Notemos a linguagem de Jesus em João 17.4, *“Eu te glorifiquei na terra, completando a obra que me deste para fazer”* (NVI). Jesus foi tentado a desistir, no caminho da crucificação chegou a pedir que o Pai o livrasse do cálice que estava prestes a beber, mas por amor ao Pai, ele escolheu ir até o fim. Em nenhum momento Jesus reclamou das atrocidades cometidas contra ele, a rejeição sofrida por seu próprio povo ou da traição dos seus doze mais próximos ou dos seus três mais íntimos. E por que ele teve esta atitude? Simplesmente porque ele amava o Pai. Porque ele amava o Pai, ele não abraçou do caminho mais fácil proposto por Satanás que incluía fama, poder e satisfação física.

Em nosso papel de liderança sempre seremos tentados por fama, poder e riquezas. Se resistimos apenas porque temos um chamado, poderemos ser malsucedidos. Mas, se resistimos porque amamos a Deus, isso é fruto do Espírito e o Espírito nos infunde esse amor para agradar ao Pai. Então, repetimos a pergunta, como buscar este relacionamento que glorifica Deus?

Lembro de uma frase de John Wood, considerado o melhor treinador da história do basquete universitário norte americano. Certa vez, numa entrevista a uma rádio depois de ganhar oito campeonatos entre 1964 e 1974, perguntaram a ele, “qual o segredo de um time oito vezes campeão?”. Ele respondeu, “nós praticamos o básico”. Qual seria o básico para um líder aprofundar seu relacionamento com Deus?

Não vemos Jesus numa campanha de oração nem promovendo uma escola dominical. Mas, vemos Jesus orando e recitando as Escrituras. Encontramos Jesus orando em momentos cruciais como o vemos a sós com o Pai simplesmente porque queria estar sozinho com Deus. Jesus estava orando quando foi batizado (Lucas 3). Orou durante toda a noite quando escolheu seus doze discípulos (Lucas 6.12). Mesmo pressionado por uma agenda, ele priorizava seu tempo a sós com Deus (Marcos 1.35). Mesmo quando as pressões de pessoas e ministério vinham sobre ele, ele não buscava uma solução pronta para fugir do estresse, mas buscava um lugar solitário para orar (Lucas 5.8).

É muito interessante que Jesus se isolava muitas vezes para buscar aprofundar seu relacionamento com Deus. Em Lucas 5.16 notamos que mais uma vez sob as pressões ministeriais Jesus se retirava para lugares solitários e orava. Jesus era Deus e Deus é relacional, ama pessoas e com certeza podemos dizer que ele gostava de estar com as pessoas. Mas, por mais que amasse aqueles ao seu redor, suas forças também se esvaíam. A sequidão emocional muitas vezes o cobria e como ele poderia sobreviver ao deserto do ministério? Indo para o deserto, correndo para os braços do Pai!

No final do segundo ano do meu pastorado na igreja onde estou há vinte e nove anos, descobri que eu estava virando uma máquina de sermões e uma máquina de aconselhamento. O problema é que percebi que ao mesmo tempo que eu estava aconselhando e pregando, eu estava me tornando vazio e minhas pregações eram bonitas em termos de retórica, mas vazias em termos de vida. Por fora um grande ministério, por dentro um tremendo fracasso. Pior ainda foi descobrir que minha vida devocional estava sendo substituída por uma correria pelo desejo de agradar

outros e ninguém podia ver o culto ao meu ego. Somente quando atinei para buscar Jesus e estar mais com ele a sós é que um novo momento começou a surgir permeado por uma nova motivação. Precisei admitir meu pecado diante de Deus e procurar um recomeço.

Qual é o básico diante de Deus para não sermos seduzidos pela tentação do sucesso ou sermos uma máquina de sermões sem vida? Jesus não nos deixou um roteiro para usarmos em nosso tempo com ele, mas nos inspirou a sermos dependentes, honestos e intercessores.

Quando paramos para orar, deixando de lado nossa agenda frenética de eventos, pessoas para atender, sermões para preparar, reuniões para dirigir, estamos no caminho da dependência de Deus. O oposto é, nas palavras de Paul Tripp, “olhar para o ministério como fonte de provisão que o ministério nunca teve como alvo. Daí, a posição de liderança começa a ter um peso em nosso coração que nunca deveria ter tido”⁴

Estamos na dependência de Deus quando reconhecemos nossa montanha de compromissos em nossa agenda e reconhecemos que estamos fazendo além do que Ele pediu. Como também diz Paul Tripp, “desequilíbrio é pecado”. Pecamos quando temos uma agenda tão cheia que perdemos até o vigor da vontade para orar. Para nós líderes orar é básico. Porém, orar não exatamente com uma lista de pedidos, mas orar com um coração desejoso de honrar a Deus e nos deliciarmos na presença dele. Gosto de uma expressão de John Piper, “Deus é mais glorificado em nós quando nossa maior satisfação é Ele”⁵.

Assim, vem a pergunta para nós: “Estamos orando porque queremos estar a sós com Deus ou porque temos uma grande lista de pedidos? ”. Jesus orou por aqueles que ele escolheria como apóstolos, orou por aqueles que se converteriam no futuro, mas Jesus também adorou a Deus em sua prática de oração. Se Jesus, sendo quem era orou, intercedeu e adorou, quanto mais nós não deveríamos viver esta experiência? O básico da vida devocional de Jesus era orar. Ele não precisava ler as Escrituras para se

4 Tripp, Paul David. Lead (pp. 89-90). Crossway. Edição do Kindle.

5 Logo marca no rodapé do site www.desiringgod.org

alimentar espiritualmente, pois ele as inspirou. Embora Jesus fosse Deus, estar com o Pai era o imprescindível em sua vida.

Por outro lado, em sua vida de oração Jesus nos ensinou a sermos honestos quando falamos com o Pai. Isto era básico para ele e se era básico para ele, não seria básico para nós também?

No relacionamento com Deus, líderes precisam admitir sua vulnerabilidade e pecados. Um pouco antes de ir para o Calvário, Jesus vivenciou um dos momentos mais angustiantes de sua vida. Em Mateus 26.38 ele mesmo diz que estava angustiado. O termo usado por Jesus carrega o sentido de que era uma dor, uma tristeza além do limite. Mateus usa a palavra grega *perilypos*, uma dor além do que se pode suportar.⁶ Mais tarde, continuando em oração perante Deus, Jesus diz, “Meu Deus se possível, passa de mim este cálice...” (Mateus 26.39- NVI). Jesus em seu tempo de oração era também transparente com seu Pai. Nestas orações ele também demonstrou uma vulnerabilidade, embora em sua vulnerabilidade nunca haveria a possibilidade de ele pecar. Jesus expressou o que havia dentro dele.

E nós, somos vulneráveis? Se somos vulneráveis, o que nos garante que não pecaremos? Jesus nunca pecaria e assim não teria nenhum momento de confissão em sua vida. Porém, embora o nosso mestre não tivesse nenhuma chance de ter o pecado em sua vida, ele nos advertiu que no mundo teríamos provações e tentações. Assim, também podemos dizer que como líderes não podemos negar nossa vulnerabilidade e deixar de reconhecer as portas para certos perigos aos quais somos atraídos.

Ser vulnerável é admitir nossa possibilidade de pecar ou vontade de cairmos na tentação e na dependência de Deus fugirmos do pecado. Vulnerabilidade implica trazermos para Deus não somente nossos pecados que é a confissão, mas também nossos sentimentos, sejam eles quais forem, mesmo antes de pecarmos.

6 Bultmann, R. λύπη, λυπέω, ἄλυπος, περίλυπος, συλλυπέομαι. In G. Kittel, G. W. Bromiley, & G. Friedrich (Orgs.), *Theological Dictionary of the New Testament* (Edição eletrônica, Logos, Vol. 4, p. 323). Eerdmans.

Será que líderes não são tentados ou ofendidos. E quando somos ofendidos, qual nossa primeira reação? Será que não temos ciúmes de outros colegas que pregam melhor do que nós ou de outros pastores, cujas igrejas são maiores do que as nossas?

Quando somos ofendidos ou desprezados em nossos ministérios, podemos ter duas atitudes básicas. Podemos negar o que estamos sentindo ou podemos correr para Deus e dizermos o que estamos sentindo. Jesus não escondeu de Deus o que ele estava sentindo.

Lembro de alguns anos atrás quando um dos membros chave da nossa equipe estava tentando me derrubar ou tomar meu lugar como pastor da igreja. Diante de mim me abraçava, me elogiava, mas por trás me esfaqueava de uma forma sinistra. Ele deixou nossa equipe, mas eu ansiava por ouvir sobre a queda dele. Precisei admitir este desejo diante de Deus para eu ser curado.

Não somos livres das tentações morais, do assédio ou de desejarmos a mulher do próximo. Mas o que fazemos com esses sentimentos? Escondemos, pensamos que como pastores somos imunes a estes tipos de problemas? Negamos porque somos líderes e líderes não podem admitir este tipo de sentimento? Admitir e fugir é o caminho, pois refletem o zelo pelo relacionamento com Deus.

O pecado da Davi com Bate-Seba não começou quando ele trouxe a esposa de Urias para dentro do palácio e teve relações sexuais com ela. Começou bem antes. Começou porque Davi era pecador, teria terminado se ele houvesse sido honesto com Deus e confessado suas intenções e desejos desordenados.

Líderes que não repartem suas lutas e confessam seus pecados a outros têm mais chances de caírem em suas caminhadas ministeriais. Não é à toa que Tiago nos diz, "...confessai os vossos pecados uns aos outros e orem uns pelos outros a fim de serem curados" (Tiago 5.16). Uma das orações mais fundamentais está no salmo 139 quando Davi diz, "Sonda-me, ó Deus, vê se em minha conduta algo te ofende e dirige-me pelo caminho certo". Esta prática diária e honesta nos protegerá do caminho do mal.

Nunca cresceremos em nossa liderança se trocarmos tempo a sós com Deus e vulnerabilidade por tarefas, agenda cheia e busca de sucesso. Porém, cresceremos continuamente em nossa liderança se o tempo com Deus for mais forte do que resultados e tarefas. Isto resulta de relacionamento com Deus, pois na busca por um profundo relacionamento com Deus seremos mais perdoadores, mais graciosos, menos autocentrados, mais misericordiosos, mais desapegados a títulos e honras passageiras. Seremos servos que lideram, muito mais que líderes que servem, pois, servir reflete Jesus, e vem antes de liderar. Não temos como servir se não desfrutamos de um relacionamento profundo com Deus.

Para você refletir

1. *Como líder, como você define o seu relacionamento com Deus? Aprofundando, morno, mecânico?*
2. *O que você pode fazer para ter um relacionamento com Deus mais profundo?*
3. *O que você mais valoriza? A sua posição como líder ou o quem você é em Cristo?*
4. *Você tem alguém com quem demonstra a sua vulnerabilidade e admite suas fraquezas?*
5. *Em quais área da sua vida você sabe que não reflete o caráter de Jesus, sendo um servo? O que pode fazer para se tornar, cada vez mais um servo como Jesus?*